

**TEIXEIRA, Ivan. *O Altar & o Trono: Dinâmica do Poder em O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial/ Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. 432 pgs.**

**Ricardo Gomes da Silva<sup>1</sup>**

Lançado ao final do ano de 2010, *O Altar & o Trono: Dinâmica do Poder em O Alienista* apresenta novas possibilidades de leitura, não só da novela em questão, mas da obra machadiana como um todo. O livro é resultante da Tese de Livre Docência apresentada por Ivan Teixeira ao Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP. O autor explica que nesse trabalho desenvolve ideias que vem divulgando em periódicos nos últimos 12 anos.

O livro é repleto de imagens de periódicos capazes de comprovarem as afirmações efetivadas pelo autor. São cerca de 150 imagens de excertos de jornais, figuras, charges que permitem ao leitor um maior contato visual com o material que circulou na segunda metade do século XIX, algo que geralmente se tem dificuldade de ter acesso. Contudo, com este grande número de imagens, falta no livro uma listagem ou um índice destas, a fim de facilitar o manuseio.

Para desenvolver sua pesquisa, Ivan Teixeira propõe a *poética cultural*, desenvolvida por Stephen Greenblatt como forma de reintegração da História aos Estudos Literários. Entendendo a literatura como resultado do intercâmbio da fala do artista com os diversos discursos do seu tempo, essa perspectiva investiga a obra literária enquanto *poética cultural* em estreita relação com o público ao qual foi destinada. Assim, o autor busca investigar o período histórico que a novela *O Alienista* foi escrita, seu meio de publicação e seus possíveis leitores, para tentar compreender a relação da obra com o seu meio.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários) da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil. rgomesdasilva@gmail.com

Ivan Teixeira inova ao considerar como tema da novela a questão da dissidência entre a Igreja (Altar) e o Estado (Trono) e não a loucura, como vem sendo focado pela crítica literária. A estrutura de base para esta sua afirmação situa-se no enfoque dos personagens como caricaturas de autoridades políticas, científicas e religiosas. Simão Bacamarte, por exemplo, é visto em correlação com D. Pedro II, devido ao empenho de nosso imperador em trazer a ciência para o centro do poder administrativo. Além desta correlação entre personagens literárias e personalidades histórico-político-religiosas, cuida de registrar o emprego da linguagem historiográfica na novela, remetendo, desta forma, antes à Questão Religiosa do que à problemática da loucura.

Outro enfoque inovador do trabalho de Ivan Teixeira diz respeito à constatação de que o público leitor do jornal de modas *A Estação* - onde Machado de Assis publicou, além de *O Alienista*, diversos contos e dois romances - não era alienado e desprovido de capacidade de entender as ironias machadianas, conforme se nota categoricamente na seguinte afirmação:

[...] não partilho inteiramente da convicção de que ele [Machado de Assis] fosse incompreendido pelos leitores do tempo. Ao contrário, é provável que uma leitora regular de *A Estação* o entendesse mais organicamente do que a média dos professores universitários de hoje. Nenhum demérito nosso. É questão de historicidade de repertório. (TEIXEIRA, 2010, p.38).

Para provar que as ironias e o sarcasmo contidos na novela estavam presentes em charges e caricaturas acessíveis e entendidas por todos, o estudioso percorreu jornais de pouco tempo antes da época de publicação de *O Alienista*, 1882. No livro há a reprodução de caricaturas anticlericais que deixam claro quão comuns elas eram nos jornais da época e provam que as falas de Roberto Schwarz e Lúcia Miguel Pereira de que Machado de Assis se encontrava à frente de seu tempo não condizem com a realidade. A leitura de Ivan Teixeira é, pois, totalmente divergente daquela dos críticos literários citados: justamente por Machado de Assis estar em sintonia com seu tempo foi capaz de produzir a literatura que conhecemos. *O Alienista* é, segundo Ivan Teixeira, uma versão literária das charges populares de sua época e não foi escrito para um público inexistente, para um público que só surgiria no futuro.

De maneira a tornar bem clara sua afirmação, o estudioso apresenta cuidadosamente o projeto editorial de *A Estação*, bem como seu público leitor a espelhar-se nos modelos da cultura europeia. *A Estação* trazia às suas leitoras brasileiras as modas de roupas francesas. Machado de Assis, por sua vez, oferecia ao público

brasileiro o sarcasmo e a ironia tão apreciados na literatura europeia. A ficção de Machado representava, pois, o modelo europeu de bom gosto a ser elogiado: humor civilizado e domínio técnico. Ivan Teixeira conclui que a mudança da literatura machadiana da primeira para a segunda fase encontra seu eixo no abandono da ênfase sentimental e na devida apropriação de técnicas irônicas cultuadas e cultivadas na Europa.

Há que se considerar, no entanto, que a demonstração feita pelo estudioso de que Machado de Assis teve um papel de editor não oficial do caderno literário de *A Estação* - diferentemente do que temos com as questões do nível de leitores e do tema principal de *O Alienista* ó não é feita de forma satisfatória. Primeiramente porque não há provas concretas e definitivas para tal afirmação. Um dos indícios apontado por Ivan Teixeira é o fato de que os escritores convidados para publicar no mesmo espaço que Machado de Assis possuíam perfis literários similares a ele. Outro indício, menos comprobatório que o anterior, é a similaridade que há entre Edgar Allan Poe e Machado de Assis. Uma vez que o escritor norte-americano foi editor literário de um jornal e seu projeto literário se assemelha bastante ao de Machado, este seria um indício de que o escritor brasileiro também tenha sido editor de *A Estação*. Da mesma forma, a hipótese de que Machado de Assis escrevia resenha dos seus próprios textos ao jornal, pela ausência de apresentação de provas, não parece muito convincente.

A publicação de *O Altar & o Trono: Dinâmica do Poder em O Alienista* desempenha papel semelhante ao realizado por Maria Tereza Chaves de Mello em *A República Consentida*. Nesta obra, lançada em 2007, a autora reinterpreta uma das mais célebres frases sobre a Proclamação da República, proferida em 1889 por Aristides Lobo: ão povo assistiu àquilo bestializadoö. Maria T. C. de Mello demonstra que o povo soube o que estava ocorrendo e, justamente por isso, ficou õbestializadoö, no sentido de surpresa. Teixeira realiza nos Estudos Literários o mesmo que Mello: explicita nossa errônea tendência de nos acharmos intelectualmente superiores às pessoas do passado.

**Recebido em:** 05 de setembro de 2012.

**Aprovado em:** 08 de novembro de 2012.